

Música

JORNAL DE NOTÍCIAS

Coliseu do Pôrto

Bohème, de Puccini

para apresentação, no Pôrto, do grande tenor **Lauri Volpi**

INTRÓITO

Casa cheia. Um espectáculo grande. Conjunto cheio de harmonia — representação segura, viva, que emocionou o publico e o prendeu, de interesse em interesse, á medida que a ópera se desenrolava e em tristuras convertia a vida boémia do Bairro Latino.

Curioso o publico escutava, via, sentia e confundia-se com a interpretação séria que ontem obteve a conhecida «tão cantada obra de Puccini.

O ESPECTÁCULO

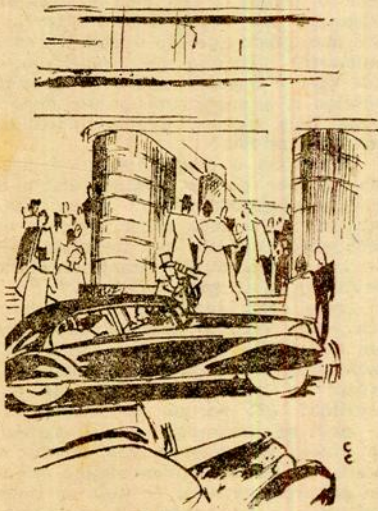
Com ansiedade o aguardavamos. Lauri Volpi era o grande fulcro, a majestosa atracção. Lauri Volpi, o discutido tenor, o que despreza artificios, o cantor de voz plena, que por confiança em si próprio se lança a toda potencialidade nos lances mais líricos ou dramáticos, brincando com a garganta nas frases mais difíceis, onde os efeitos ornamentais são mais perigosos, mas onde se vence melhor e para sempre.

De qualidade se classifica a apresentação de ontem, englobando na representação a parte interpretativa e parte canto.

Vamos procurar dar alguns pormenores, já que o hábito manda que assim se faça.

CENÁRIOS

As cenas têm uma apresentação boa, o que se não verificou no espectáculo inaugural. E apenas uma desatenção do electricista minorou o efeito cénico que antecede o dueto de Rodolfo e Mimi. Não fariamos este reparo se não fosse o primoroso cuidado de todos os Artistas em quererem representar tão bem como cantaram.



Entrada na ópera

E já que estamos neste ponto frisamos também o movimento cénico da pequena praça onde está o esturdiado café Momus, que deu relêvo ao 2.º acto, ajudando a composição do concertante final, que o maestro Annovazzi tão atentemente dirigiu.



Uma cena do «Lohengrin»

Canta com verdade, com alma, com amor á sua Arte e por isso sem a esmagar com pinceladas falsas.

Maria Espinalt contracenou bem com este Artista. Tem uma voz maleável, excelente articulação e boa escola. Os seus médios são doces, carinhosos, volumosos e de agradável timbre. Melhores que os agudos fortes, que são um pouquinho estridentes. A nota final do 1.º acto foi segura. O publico deu bem a medida da sua apreciação nos aplausos que lhe tributou no 1.º acto — «Si, mi chiamo mimi» e no «D'onde lieta naci» (3.º acto).

Dolores Torrento, como acima dissemos, foi uma graciosa Muzette, que muito bem na sua deliciosa valsa e na humanidade de toda a sua representação, Augusto Beuf, na «Vecchia Zimarra» viu o seu trabalho bem apreciado, o mesmo acontecendo com Augusto Cabanes, Lázaro Eurauzkin e Vicente Riaz (este demasiadamente exagerado — do que deve corrigir-se).

A ORQUESTRA

O Maestro Annovazzi deve ter ficado satisfeito. O seu esforço se foi magnificamente frutificar. A Orquestra cumpriu muito bem. Desenhou toda a partitura com consciência e afinação.

Os coros bons — pena que ás vezes não estejam todos atentos, pois são francamente seguras e bem marcadas as entradas do maestro.

NOTAS FINAIS

Ilustramos hoje estes apontamentos com impressões de Cruz Caldas. São motivos rápidos — visões «à lá minute», uma graça surpreendida por um Artista e que se recolhe no arquivo destes espectáculos, que queríamos mais repetidos e com artistas da qualidade de um Lauri Volpi.

A PROPOSITO

Anunciam-se três récitas com Lauri Volpi. Porque não 4, como em Lisboa? Todos teríamos prazer infinito em ouvi-lo o mais possível. E justo seria que aproveitássemos ocasião para lhe significar publico apreço por sua altas qualidades. De uma erudição grande, deixou os seus pergaminhos culturais — sua carta de Doutor — para se dedicar á mais linda das Artes, ou á mais directamente emotiva. E' alguém na cena lírica do Mundo. E o nosso apreço não seria grande e suficiente se assistíssemos ás suas récitas — ao menos a estas — com nossos trajes de gala?